**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**A DESCRIÇÃO DO USO DE VOCÊ E CÊ NA LINGUAGEM FALADA EM
CURITIBA, PARANÁ**

SANTOS, Ruane Caroline dos¹

Orientador: ANDRADE, Valter Zotto de²

RESUMO

Neste artigo, realizamos a descrição da variação no uso do pronome de segunda pessoa *você(s)* e sua variante *cê(s)* na cidade de Curitiba, no estado do Paraná. Para tal, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista para descrever e demonstrar se a escolha no uso das variantes analisadas é influenciada por fatores linguísticos e sociais. A amostra compreende a análise de 12 informantes, estratificados de acordo com o sexo (feminino e masculino) e a idade (20 a 35 anos e 45 a 60 anos). A análise foi realizada por meio de entrevistas orais, gravadas com aparelho celular, na qual cada informante era estimulado a dar sua opinião referente a um fato ocorrido. Nossa hipótese inicial era de que o pronome de segunda pessoa *você* estaria sofrendo novamente uma mudança em seu uso, visto que ele se origina da forma de tratamento *Vossa Mercê*. Tal hipótese não se verificou neste trabalho, pois obtivemos um uso mais recorrente do pronome *você* em mais de 80% dos casos analisados. Porém, pudemos confirmar que há uma variação estável no uso do pronome *você*, quando utilizado em posição de sujeito.

Palavras-chave: Sociolinguística. Linguística. Variação. Curitiba.

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar este trabalho, faz-se necessário compreender o que é língua para observar com clareza o estudo sobre a **mudança** e a **variação linguística**. Podemos entendê-la como um conjunto de signos usado como um meio de comunicação utilizado por membros de um grupo social. O modo como os falantes a utilizam e avaliam, faz com que ela sofra grande influência de sua realidade (COELHO, 2015, p. 11).

¹ Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

² Doutorando em Língua Portuguesa, pela PUCSP. Mestre em Comunicação e Linguagens, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, pela UFPR. Especialista em Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, pelas Faculdades Positivo. Graduado em Letras, pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor do curso de Letras das Faculdades Santa Cruz de Curitiba.

Pode-se afirmar que, a língua varia, e essas variações provém de elementos que podem ser encontrados tanto na sociedade quanto dentro da própria língua (Ibidem, p. 13).

Com essa variação, a língua pode mudar, mas antes de entrar em contato com o estudo da mudança linguística, tem-se a necessidade de deixar para trás a ideia de que a língua é uma estrutura homogênea e imutável. Pois, “as línguas humanas são sistemas dinâmicos, mutáveis e flexíveis que, ao longo do tempo, se acomodam tanto às mudanças socioculturais das comunidades de fala como às necessidades comunicativas de seus usuários” (MOLLICA; FERRAREZI JUNIOR, 2016, p. 23).

Como exemplo dessa mudança linguística existente nas línguas, em relação ao português brasileiro, encontra-se o pronome de segunda pessoa *você* que tem origem da forma de tratamento *Vossa Mercê*. O pronome de tratamento *Vossa Mercê* perdeu o sentido honorífico; tornou-se popular e foi se simplificando. Nascentes (1956 *apud* GONÇALVES, 2010) aponta os estágios de mudança do pronome, como podemos verificar no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Mudança do pronome *você*

Vossa Mercê > vossemecê > vosmecê > vosm'cê > voscê > você
--

Fonte: Nascentes (1956).

No entanto, para que ocorra uma mudança linguística, há a necessidade de ter uma variação linguística, ou seja, uma forma que esteja em concorrência com a forma utilizada.

O presente estudo trata, pois, da descrição do uso do pronome de segunda pessoa *você* e sua **variante** *cê*, a partir de dados de falantes da cidade de Curitiba,

no estado do Paraná. E tem como objetivo investigar a variação e questionar a ocorrência de uma possível mudança linguística nesse pronome.

Para apresentar este trabalho, tem-se como suporte teórico a sociolinguística variacionista. O artigo se divide em duas partes: na primeira seção, apresentamos uma breve explicação do objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista e a mudança histórica do pronome de segunda pessoa *você*; na segunda seção constam o resultado e a análise da pesquisa realizada.

2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: VARIAÇÃO E MUDANÇA

Com base em Calvet (2012), Tarallo (1986) e Coelho *et al.* (2015), serão apresentadas, nesta seção, algumas questões sobre a Sociolinguística Variacionista (conhecida também como sociolinguística laboviana, sociolinguística quantitativa ou teoria da variação e mudança linguística). Os pressupostos teóricos aqui apresentados contribuirão como aspectos teórico-metodológicos para a descrição da **variável** do pronome de segunda pessoa *você* na língua falada de informantes da cidade de Curitiba, Paraná.

Segundo Coelho *et al.* (2015, p.12), “a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos”. Porém, ela não é a única área que se ocupa dos estudos da linguagem. A Sociolinguística é um termo amplo, que abrange várias maneiras de olhar para esta relação. Dentre elas, a Sociolinguística Variacionista que tem como objeto de estudo a variação e a mudança da língua em seu contexto social (Ibidem p.12)

William Labov é o precursor desse modelo teórico-metodológico, apesar de não ter sido o primeiro sociolinguista a aparecer nos estudos de investigação linguística. Foi Labov quem insistiu na relação entre língua e sociedade, e na probabilidade de se sintetizar a variação com a língua falada (TARALLO, 2002, p. 7).

De acordo com Mussalim e Bentes (2005, p.50), a Sociolinguística Variacionista nos mostra que dois falantes raramente se expressam da mesma forma, assim como, um falante dificilmente se expressa do mesmo modo em situações diferentes de comunicação. O trabalho da sociolinguística é, portanto, comparar as variações na língua falada com as diferenças sociais.

Para avançar nos estudos acerca dessa Sociolinguística, faz-se necessário o conhecimento de algumas noções relevantes, como a noção de **variação**, **variável**, **variante** e **mudança linguística** que serão apresentadas a seguir.

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação é compreendida como um ato comum e natural de uma determinada língua que pode variar devido a fatores históricos, sociais e culturais. De acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 16), “a variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”.

Segundo Lucchesi & Araújo (2016), “para os sociolinguistas, sempre existirão formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem).

Para Coelho *et al.* (2015, p. 13), “cada grupo social apresenta características no seu falar que são condicionadas por sua origem, sua idade, sua escolaridade, entre outros fatores”. Embora, os falantes se expressem de maneiras diferentes, eles são capazes de se comunicar entre si, pois, a língua é um sistema organizado, o que ocorre é que a língua varia, e essa variação deriva de fatores que podem ser encontrados na sociedade ou até na própria língua. (Ibidem, p. 13).

A variação linguística pode ocorrer em duas dimensões: (i) dimensão interna (intralinguística) e (ii) dimensão externa (extralinguística). Quando vista de dentro da língua (intralinguística), a variação apresenta os seguintes níveis linguísticos: lexical, fonológico, morfológico e sintático (Ibidem, p.23).

Variação lexical é a aquela em que o mesmo objeto possui dois „nomes“ e pode ser associada com a variação regional, por exemplo. Na região nordeste do Brasil, por exemplo, encontra-se o termo macaxeira, e na região sul é mais comum encontrar o uso de mandioca ou aipim, ou ainda devido à situação mais formal, faz-se o uso de toalete, e em uma situação informal se observa o uso de banheiro.

Na variação fonológica, no português brasileiro, encontram-se diferentes exemplos, dentre eles está a despalatalização, que consiste na perda da palatalização (ex.: a troca de <lh> por <i> coié (por „colher“).

A variação morfológica é a que apresenta alteração no morfema de uma palavra. Um exemplo interessante é a supressão do [d] no gerúndio, como em comeno (por „comendo“).

Na variação sintática, a construção de uma sentença pode ocorrer de forma diferente. Como exemplo dessa variação, podemos citar as sentenças relativas estudadas por Tarallo (1983). Em (i) a pessoa *a que* me referi morreu, temos uma relativa padrão e a preposição pedida pelo verbo „referir“ aparece na construção. Já em relativas não-padrão, como a relativa cortadora, essa preposição é „cortada“, e.g. (ii) a pessoa *que* me referi morreu.

Portanto, a variação intralinguística se refere a formas diferentes que podem ocorrer no mesmo contexto e que dizem respeito a aspectos „internos“ à língua.

Já a variação extralinguística é aquela vista de fora da língua. Ela pode se manifestar de várias formas: variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica.

A variação diacrônica se dá ao longo do tempo; toda língua está sujeita a essa variação, pois toda língua tem uma história externa e interna. Uma maneira de ser percebida é através de gírias: há aquelas que conhecemos o significado, mas são obsoletas, e as que os

mais jovens usam, muitas vezes, desconhecidas pelos mais velhos (ILARI; BASSO, 2012, p. 152).

A variação diatópica, mais conhecida como geográfica ou regional, consiste nas diferenças de uma mesma língua, quando falada em diferentes locais do mesmo país ou até em países diferentes. Uma maneira de analisar essa variação é observar a língua falada em dois países diferentes, que fazem o uso do mesmo idioma, por exemplo, o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), levando-se em consideração elementos históricos e políticos (Ibidem, p. 157).

A variação diastrática é o nome dado ao fenômeno de variação social, em que se encontra “uma séria diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população (que, não por acaso, é também a parte mais rica ou menos pobre) e pela parte menos escolarizada”. (Ibidem, p. 175).

A variação diamésica é a variação entre a fala e a escrita. Ao longo do tempo, as pessoas se acostumaram a observar a língua escrita, por isso elas acreditam que falam como escrevem (Ibidem, p. 181). De acordo com Coelho (2015), para estudar essa variação, faz-se necessário compreender que existem diferenças entre a fala e a escrita, pois a produção de um discurso falado é um ato espontâneo, improvisado e propenso a ocorrer mais variações. Por outro lado, o texto escrito não é espontâneo, pois se reserva tempo para planejar e revisar, desse modo ocorre menos variação.

A partir dessa noção de variação, podemos apresentar outras noções importantes que também estão relacionadas a ela.

2.2 VARIANTE E VARIÁVEL

De acordo com Tarallo (2002, p.8), variantes ou variantes linguísticas é o nome dado às formas que se encontram em variação, conseqüentemente, são as variadas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, com o mesmo valor referencial. Segundo Lucchesi e Araújo (2016), “o uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais)³ ou sociais (extralinguísticos)”.

Conforme Coelho (2015), quando acontece variação, as variantes linguísticas recebem valores pela comunidade de falantes, tem-se, então, variantes padrão e variantes não padrão. As variantes padrão podem também ser chamadas de variantes de prestígio, pois, como cita Monteiro (2008, p. 64), uma variante adquire prestígio, quando associada a um falante ou um

³ Ou ainda intralinguísticos como vimos na seção anterior.

grupo social de *status* superior, então tal forma passa a ser adotada por falantes da classe inferior. E, tem-se também as variantes estigmatizadas, que pertencem aos falantes de uma classe social inferior ou um grau de escolaridade menor, portanto, a sua maneira de falar não será aceita por pessoas de nível social superior (Ibidem, p. 65)

Já um conjunto de variantes recebe o nome de variável linguística (cf. Tarallo, 2002, p. 8)”.
8)”.
8)”.

De acordo com Labov (1972 *apud* MONTEIRO, 2008, p.59) “para definir uma variável linguística é necessário: delimitar o número exato de variantes; estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece; elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Para estabelecer uma distinção entre variante e variável, tem-se como exemplo o pronome de segunda pessoa *você*. *Cê* é a forma variante que disputa pela expressão de variável, e a variável desta situação é a expressão pronominal. Portanto, essas duas formas ocorrem de forma concomitante em um mesmo contexto de uso.

2.3 MUDANÇA LINGUÍSTICA

Quando existe variação na língua, é possível que ocorra mudança. Para Coelho (2015, p.70), a mudança não afeta a sistematicidade da língua, ela permanece estruturada em meio a mudanças, e partindo do pressuposto de que um falante não se expressa da mesma maneira, em diferentes contextos, o repertório deste é variado, podendo ocorrer então um desfavorecimento do modo original para o atual, de maneira que o modo antigo atribua o posto de antiquado, e deixe de ser usado. Tem-se então um processo de mudança.

É importante perceber que existe uma variação estável na língua e uma mudança em curso. Na variação estável, verifica-se que não existe predominância de uma forma linguística sobre outra, porém na mudança em curso, “implica que o processo de variação caminha para a sua resolução em favor de uma das variantes identificadas”, ou seja, a variante que concorre tende a cair em desuso (LUCCHESI; ARAÚJO 2016).

Conforme Monteiro (2008, p. 131), para estudar uma mudança linguística em curso, o modo mais apropriado seria investigar uma comunidade linguística e retornar alguns anos mais tarde para uma nova pesquisa. O nome dado a esse estudo é mudança em tempo real, “o tempo real refere-se a desenvolvimentos na evolução linguística num período arbitrário de tempo”. Porém, uma forma mais rápida, é a pesquisa em tempo aparente, “o tempo aparente refere-se, pois, ao padrão de distribuição do comportamento linguístico através de vários grupos etários num determinado momento do tempo” (Ibidem, p. 132), isto é, o pesquisador

seleciona uma comunidade e compara a fala das pessoas mais idosas com a fala de pessoas mais jovens.

De acordo com Tarallo (2002, p. 63), “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação”. Segundo Labov (1976 *apud* CALVET, 2002, p. 87),

pode-se considerar que o processo de variação linguística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se *realiza* e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais.

Com essas palavras, Labov nos permite pensar em como se produz a evolução deste processo de variação, concluindo, então os conceitos supracitados.

2.4 DA VARIAÇÃO À MUDANÇA DO VOCÊ (PERCURSO HISTÓRICO)

O pronome de tratamento de segunda pessoa *você* é o resultado de uma mudança diacrônica. Sua origem etimológica vem da expressão de tratamento *Vossa Mercê*, que no decorrer dos anos se transformou em *vossemecê*, *vosmecê*, *vosm'cê*, *voscê* e atualmente *você*.

De acordo com Nascentes (1956 *apud* GONÇALVES, 2010), *vossa mercê* era o tratamento dado a realeza. Quando os súditos precisavam solicitar algo ao Rei, eles utilizavam o pronome *vós*, e *mercê* era usado para pedir uma graça, então, era acrescentado esta expressão ao pronome possessivo que concordava com o pronome utilizado, produzindo a expressão *vossa mercê*. A expressão *mercê* ou *mercede* era usada com o sentido de recompensa de troca de serviços prestados entre os reinantes e os súditos.

No decorrer do tempo, esta forma de tratamento passa a ser usada amplamente, perdendo o seu valor honorífico para *Vossa Alteza* em 1477, e deixa de ser usada com tal valor no final do século XV. Após a ampliação de seu uso, a expressão *vossa mercê* progride em dois caminhos: (i) mantém a integridade e o valor honorífico pela burguesia urbana, sendo arcaizada nos séculos XVII e XVIII; (ii) sofre um processo de simplificação fonética, da qual resultam os pronomes *você* e *vocês*, usado no português atual. (FARACO, 1996 *apud* GONÇALVES, 2010)

Segundo Nascentes (1956 *apud* GONÇALVES, 2010), a forma de tratamento *vossa mercê* agradava a todos, então a classe inferior não demorou a se apoderar da expressão para uso próprio.

Tornando-se popular, essa expressão sofreu algumas alterações, entre elas fonéticas e fonológicas, citadas por alguns estudiosos no estudo de Gonçalves (2010), tais como Said Ali (1950), Lapa (1991), Menon (1995), Salles (2001) e Chaves (2006).

De acordo com Lapa (1991 *apud* GONÇALVES, 2010), além das mudanças fonéticas, houve também a perda de valores semânticos, sendo esta forma substituída por *Vossa Alteza* e mais tarde por *Vossa Senhoria*. O autor supracitado afirma, ainda, que o pronome *você/vocês* teve origem da forma de tratamento *vossa mercê*, e em Portugal o pronome *vocês* substituiu o pronome de segunda pessoa do plural *vós*, hoje, considerado como arcaico. Salles (2001 *apud* GONÇALVES, 2010) concorda que além da alteração fonológica, o pronome *você* também perdeu o sentido original.

Para Faraco (1996 *apud* GONÇALVES, 2010), no Brasil, a entrada dos pronomes *vossa mercê* e *você* ocorreu de maneira diferente. De acordo com o autor, quando os portugueses chegaram ao Brasil, a expressão *vossa mercê* já não tinha mais caráter honorífico, e já era usada de maneira generalizada pelos portugueses, e o *vós* já se encontrava em processo de arcaização. Segundo Amaral (1955) e Faraco (1996) *apud* Gonçalves (2010), a partir do final do século XV, em Portugal, há registros do uso generalizado da forma *vossa mercê* e suas variantes pelos cidadãos não aristocratas, e foram membros dessa população que vieram para o Brasil como colonos, quando o país começou a ser ocupado, momento em que o pronome *vós* já se encontrava obsoleto, e a forma de tratamento *vossa mercê* estava em processo de simplificação em estágio avançado.

O pronome de segunda pessoa *você* tem valor semântico diferente no Português Brasileiro quando comparado com o Português Europeu. De acordo com Luft (1957 *apud* GONÇALVES, 2010), em algumas áreas de Portugal, o tratamento soa como insultuoso e as pessoas podem se sentir ofendidas por serem tratadas de tal forma. No Brasil, o pronome é usado com família, amigos, entre iguais, ou de superior para inferior. Para Biderman (1972 *apud* GONÇALVES, 2010), o pronome *você* não tem uso tão generalizado em Portugal, devido à evolução de *vossa mercê*, que pode ter sido importada da Espanha. A autora acredita que a sociedade brasileira é mais aberta que a portuguesa, já que a sociedade portuguesa é vista como arcaica, enquanto a brasileira tem a tendência em assimilar padrões de países desenvolvidos.

3 A PESQUISA DA VARIAÇÃO DO VOCÊ E CÊ

Baseado na Sociolinguística Variacionista, este estudo busca investigar a possibilidade de uma **variação** estável e/ou uma possível **mudança** em curso, no uso do pronome de

segunda pessoa *você* na língua falada, por falantes da cidade de Curitiba, Paraná. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, com doze informantes estratificados entre faixa etária de 20 a 35 anos e de 45 a 60 anos e entre sexo feminino e masculino. Conforme Tarallo (2002) revisitado em Coelho *et al.* (2015), o número ideal de informantes, é de cinco por célula, porém, houve certa dificuldade em encontrar informantes nascidos em Curitiba que pertençam ao grupo que contempla a faixa etária 45 a 60 anos. Por essa razão, foram entrevistados três informantes por célula social.

Para tal pesquisa, foi utilizado o método quantitativo, que segundo Coelho (2010, p. 14), recebe este nome, pois os pesquisadores trabalham com grande quantidade de dados de usos da língua, e requer uma análise estatística.

Nossa pesquisa está baseada em entrevistas orais que foram gravadas em celular. Cada informante foi estimulado a orientar o pesquisador em uma determinada situação vivida, a qual era um relato de assédio sexual dentro da empresa (história fictícia). De acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 105): “assuntos como relatos de experiências pessoais são os que mais propiciam a fala menos monitorada; por outro lado, perguntas que requerem a opinião do informante, e seu posicionamento mais comprometido, favorecem um maior monitoramento da fala”.

Porém, a fim de estimular os informantes a utilizarem o pronome de segunda pessoa *você*, bem como sua variante *cê*, o roteiro de entrevista foi reformulado. Para se obter dados pertinentes ao estudo, foi necessário que o pesquisador se tornasse “o protagonista” de uma história, solicitando ao informante a sua opinião em relação a um determinado assunto. Tendo em vista que se o informante fosse orientado a relatar uma experiência pessoal, usaria o pronome de primeira pessoa *eu*.

Retomando os conceitos de **variante** e **variável** nesta pesquisa, a variável que foi observada é o pronome de segunda pessoa que apresenta o *você*, *o cê*, *o ocê* e o apagamento do pronome como variantes que concorrem entre si. No entanto, como nosso objeto de pesquisa está pautado no uso de *você* e *cê*, focaremos nesses dois e não levaremos em consideração as outras possibilidades.

3.1 RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com doze informantes nascidos na cidade de Curitiba, Paraná, os informantes foram estratificados entre faixa etária de 20 a 35 anos e de 45 a 60 anos e entre sexo feminino e masculino.

Durante a entrevista, os informantes eram estimulados a dar sua opinião referente a uma situação vivida. Na primeira tabela, encontramos os principais resultados obtidos em cada grupo:

Quadro 2 – Resultados da variável Sexo e Idade – Curitiba.

Idade / Sexo	Você	Cê
Fem. 20 a 35	46/48 (95%)	2/48 (5%)
Masc. 20 a 25	36/45 (80%)	9/45 (20%)
Fem. 45 a 60	58/58 (100%)	0/58 (0%)
Masc. 45 a 60	82/97 (85%)	15/97 (15%)

Fonte: O autor (2016).

Nossa hipótese inicial era a seguinte: “o pronome de segunda pessoa *você* está sofrendo uma possível mudança”. Porém esses dados apontam para uma preferência de uso do *você* quando em concorrência com o *cê*. Em todas as células analisadas, nós encontramos uma preferência de uso de mais de 80%.

Foi possível observar durante as entrevistas que o pronome *você* é utilizado em posição de sujeito, pois quando os informantes se referiam ao pesquisador, usavam o pronome *você* ou como podemos observar no quadro acima o uso menos frequente do *cê*. Observamos ainda que, quando os informantes usavam a conjunção subordinativa condicional *se*, como forma de hipótese, eles usavam sempre o pronome *você*, com isso pudemos perceber que soaria incomum o uso da conjunção *se* com a variante *cê*.

Observamos que por ser uma história com uma situação mais formal, o informante precisava dar a sua opinião sobre o assunto, com certas argumentações e isso favoreceu o uso mais frequente do *você*.

Vimos, portanto, que nossa hipótese não foi confirmada. Isto, porque o uso do *você* é predominante. Veremos a seguir os resultados quando comparados entre gêneros:

Quadro 3 – Resultados da variável Sexo – Curitiba.

Sexo	Você	Cê
Feminino	104/106 (98%)	2/106 (2%)
Masculino	118/142 (83%)	24/142 (17%)

Fonte: O autor (2016).

É interessante observar que há um uso do *você* mais recorrente entre pessoas do sexo feminino: houve duas ocorrências de *cê* dentro de uma amostra de 106 ocorrências. No

entanto, no sexo masculino o uso do *cê* é encontrado com maior frequência. No quadro, a seguir, constam os resultados quando divididos por idade:

Quadro 4 – Resultados da variável Idade – Curitiba.

Idade	Você	Cê
20 a 35 anos	82/93 (95%)	11/93 (5%)
45 a 60 anos	140/155 (90%)	15/155 (10%)

Fonte: O autor (2016).

Com esses dados, podemos perceber que a idade não influencia no uso do pronome *você* ou sua variante *cê*. Visto que a diferença é de apenas 4 ocorrências entre os grupos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, ao longo do trabalho sobre o uso do pronome de segunda pessoa *você* e sua variante *cê* em Curitiba, Paraná. Obtivemos alguns resultados que são importantes retomar.

O pronome *você* é usado na maioria das vezes como posição de sujeito e, ao contrário da hipótese inicial, não está sofrendo novamente uma mudança, mas podemos observar que ele se encontra em uma variação estável. A partir de nossa pesquisa, verificamos que há um predomínio do uso do *você* quando em oposição ao *cê*, visto que ele aparece em mais de 80% das ocorrências.

Quando comparamos o uso do pronome *você* e sua variante *cê* entre gêneros, verificamos que o sexo feminino tem preferência pelo uso do *você*, visto que de 106 ocorrências, apenas duas foram *cê*. Porém, no que diz respeito a idade, não encontramos tanta diferença.

Nas entrevistas, observamos grande frequência do apagamento de sujeito, quando o informante preferia não usar nenhuma das opções, porém como o estudo era voltado para a análise do pronome de segunda pessoa *você* e sua variante *cê*, não focamos neste achado.

Este artigo mostrou que apesar de o pronome *você* ser o resultado de uma mudança linguística, ele não está mudando novamente, mas se encontra em variação, o que futuramente pode gerar novamente uma mudança.

A partir deste trabalho, uma outra investigação possível é a que diz respeito ao apagamento do sujeito no português brasileiro. Ao longo da pesquisa, verificamos que tal fenômeno é bastante frequente, visto que para o falante, aparentemente, não há a necessidade

de repetir o pronome de segunda pessoa a todo instante. Ressaltamos, no entanto, que essa é uma investigação que ficará para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1955.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Formas de tratamento e estruturas sociais*. In: Alfa: Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972-1973, n. 18-19, p. 339-381.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: Uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.] *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FARACO, Carlos A. *O tratamento você em português: uma abordagem histórica*. 13. ed. Curitiba: UFPR, 1996, p. 51-82.

GONÇALVES, Clézio. *De vossa mercê a cê: CAMINHOS, PERCURSOS E TRILHAS*. Ouro Preto – MG.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O Português da gente: A língua que estudamos, a língua que falamos*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LAPA, Manuel R. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Fontes, 1897-1991.

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. *A teoria da variação linguística*. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em: 02 nov. 2016.

LUFT, Celso P. *Tratamento depreciativo*. In: Revista Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, v. 3, tomo II, 1957, p. 193-207.

MENON, Odete P. S. *O sistema pronominal no português do Brasil*. In: Revista Letras. Curitiba: 1995, nº 44, p. 91-106.

MENON, Odete da S. P.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *Você, Ocê (?) e Cê em Curitiba, Paraná*. Londrina: m. 15/1, p. 223-243, jun. 2012.

MOLLICA, M.; BRAGA, M.L (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MOLLICA, M.; JUNIOR, C. *Sociolinguística, sociolinguísticas uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

MONTEIRO, José Lemos. *Para conhecer Labov*. 3. Ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras Vol 1*. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NASCENTES, Antenor. *O tratamento de você no Brasil*. In: Letras. Curitiba: UFPR, v. 6, n. 05, p. 114-122, 1956.

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1950.

SALLES, Miguel. *Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro: um estudo de pragmática histórica*. USP, 2001, 246f. Tese de doutorado em filologia e língua portuguesa. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]